

# O CONSUMO DAS NOVAS MÍDIAS ENTRE OS ADOLESCENTES DO ENSINO MÉDIO

Diosen Marin<sup>1</sup>

**Resumo:** Este estudo se dedicou a analisar o consumo das novas mídias pelos jovens do ensino médio, com o intuito de reconhecer o processo de socialização e aprendizagem através desses meios de comunicação. Para a realização da pesquisa foi proposto uma análise de conteúdo dos questionários aplicados aos alunos do ensino médio, em que foram quantificados e analisados os dados. Ao longo do estudo, percebeu-se a relevância que essas novas mídias possuem para os jovens, tanto que são capazes de modificar a socialização e aprendizagem desse grupo.

**Palavras-Chave:** Adolescentes. Novas mídias. Consumo. Estudos Culturais.

## *Consumption of new media among high school teens*

**Abstract:** This study is dedicated to analyze the use of new media by secondary school juvenile, in order to recognize the process of socialization and learning through these media. For the research proposed a content analysis of questionnaires given to high school juvenile, in which data were quantified and analyzed. Throughout the study, we realized the importance that these new media have for young people, both who are able to modify the socialization and learning that group.

**Keywords:** Teenager. New media. Absorption. Cultural Studies.

## **Introdução**

Desde a infância temas relacionados à tecnologia exercem sobre mim verdadeiro fascínio. Certamente, essa máxima atenda a outros grupos visto o desenfreado consumo de produtos tecnológicos, principalmente, os que permitem o acesso aos meios de comunicação de massa (MCM).

Assim, começo a narrativa desse trabalho a partir de uma vivência pessoal, pois foi na infância que questionei pela primeira vez sobre a relevância dos meios de comunicação em nossa sociedade. Na época, certamente, o questionamento foi muito mais mirabolante do tipo “será que um dia seremos dominados por computadores”, algo que no início dos anos 2000 não assustava tanto as pessoas. As perguntas surgiram da leitura de uma crônica do Luis Fernando Veríssimo (2001) dedicada ao público infanto-juvenil.

---

<sup>1</sup> Trabalho de conclusão de curso apresentado ao Curso de Especialização em Ensino de Sociologia para o Ensino Médio, da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM, RS), como requisito parcial para obtenção do grau de **Especialista em Ensino de Sociologia para o Ensino Médio**. E-mail: diosen.hist@gmail.com

A história chamava-se “Dois mais dois” e foi publicada no ano de 2001, nela um menino ouvia uma narrativa sobre o que aconteceria no futuro com a existência dos supercomputadores, nela a professora ressaltava a importância dos cálculos matemáticos mesmo com a existência de calculadoras, mas a história não convenceu o menino que respondeu a professora que quando ninguém mais soubesse matemática e não pudesse por o computador à prova, então não faria diferença se o computador estava certo ou errado, pois a sua resposta seria a única disponível e, por isso, a certa, mesmo que estivesse errada. Nessa crônica, como em muitas outras de Luis Fernando Veríssimo, ele questiona a centralidade dos meios de comunicação na sociedade, tanto que na história relata o menino propõe que se essa for a única informação a que terão acesso não importa se será verdadeira ou não. Quando comecei a pensar sobre o tema para o Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) retomei a leitura da crônica e, dessa vez, ele me suscitou outras perguntas. Nesse sentido, é preciso apresentar o trabalho que se pretende desenvolver.

Primeiramente, o interesse da pesquisa é analisar o consumo adolescente<sup>2</sup> das novas mídias, pois compreendo que o consumo dos jovens permite perceber a sua experiência cotidiana e através disso, reconhecer os assuntos de seu interesse, a fim de promover a discussão de temas socialmente relevantes para eles em sala de aula.

No trabalho, pretende-se analisar, a partir de questionários, o consumo de novas mídias - internet e aplicativos para celular - pelos jovens, com o intuito de compreender o processo de aprendizagem e socialização através desses meios. E, com isso, avaliar as implicações desse consumo nas relações culturais dos jovens.

Para tanto, é preciso reconhecer a importância que as novas mídias, principalmente a internet, através das redes sociais e dos aplicativos de celular, adquiriram nos últimos anos na sociedade. Principalmente, entre os jovens em que as novas mídias exercem um papel de socialização, pois como propõe McLuhan (2002) os meios de comunicação são como extensão do ser humano, e é essa “extensão” que observamos nos jovens do ensino médio que são inseparáveis de seus aparelhos celulares. Nesse cenário, de elevado consumo midiático, muitos questionamentos são suscitados. Primeiramente, em que medida as mídias digitais cumprem o papel da escolarização, ao promover discussões sociais que seriam o papel da

---

<sup>2</sup>Adolescência é uma etapa intermediária do desenvolvimento humano, entre a infância e a fase adulta. Este período é marcado por diversas transformações corporais, hormonais e até mesmo comportamentais. Não se pode definir com exatidão o início e fim da adolescência (ela varia de pessoa para pessoa), porém, na maioria dos indivíduos, ela ocorre entre os 10 e 20 anos de idade (período definido pela OMS – Organização Mundial da Saúde).

escola? De que maneira as novas mídias colaboram com a formação cultural e a identidade dos jovens no ensino médio?

O Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) está dividido em três partes, na primeira apresentamos o conceito de consumo e como essas relações foram se modificando na América Latina e no Brasil. No segundo item, apresentamos as contribuições teórico-metodológicas dos Estudos Culturais, nele é discutido o conceito de cultura e identidade para entender as mudanças sócias empreendidas pelo consumo das novas mídias pelos jovens. O terceiro, e último item, está dividido em duas partes a análise contextual em que os dados quantitativos dos questionários são apresentados e analisados a luz dos teóricos dos Estudos Culturais, e a análise teórica onde o *corpus* documental é analisado a partir das concepções de *estruturas de sentimento* presente em Raymond Williams (1979).

## **1 O Consumo midiático: o caso da América Latina**

Nessa parte do trabalho pretende-se tratar sobre o consumo, no que se refere ao consumo das mídias digitais entre os adolescentes do ensino médio da Escola Estadual de Ensino Médio Érico Veríssimo, localizada no município de Restinga Seca no Rio Grande do Sul, através da aplicação de questionários a alunos dos três anos do ensino médio. Mas, antes de abordar especificamente sobre o tema do trabalho é pertinente explicar o processo de consumo na América Latina e como chegamos a esse nível de consumo, que muitas vezes define a nossa realidade social.

De acordo com Cotrim (2005), A América Latina foi colonizada majoritariamente por espanhóis e portugueses, e forneceu a esses países suas riquezas durante um longo período colonial que se estendeu do começo do século XVI ao começo do século XIX, quando os países latino-americanos rompem com suas metrópoles e com o Pacto Colonial que regia a economia de seus países. A partir desse momento a América Latina rompe com os seus colonizadores e se aproxima econômica e ideologicamente dos Estados Unidos, o que modifica drasticamente a sua relação com o consumo, que deixa de servir para suprir suas necessidades como no passado, e passa a conferir status aos cidadãos que tem a capacidade de consumir.

No século XIX e XX os Estados Unidos da América (EUA) viveram um período de expansão imperialista, marcado por ações e doutrinas que pretendiam favorecer os interesses econômicos, políticos e estratégicos dos norte-americanos, principalmente, sobre os seus vizinhos latino-americanos. Várias medidas foram adotadas, uma das mais famosas do século

XIX compreende a Doutrina Monroe, de 1823, que estabelecia “América para os americanos”, numa tentativa de legitimar e resguardar a recém conquistada independência de muitos países latino-americanos. Outra ação dos EUA sobre seus vizinhos compreende a Política da Boa Vizinhança, implementada durante o governo de Franklin Delano Roosevelt entre os anos de 1933 a 1945, ela pretendia através de recursos estratégicos, como o cinema, melhorar a relação entre a América Latina e os EUA. Tanto que os norte-americanos abandonaram a sua prática intervencionista na América Latina e a substituíram por negociações diplomáticas e por colaborações econômicas e militares, com isso eles refutaram a influência europeia no continente.

A partir de Cotrim (2005), identificou-se a mudança de postura dos EUA em relação à América Latina acabou influenciando na política, com a implantação dos Governos Populistas e das Ditaduras Militares na América Latina, mas, acima de tudo, interferiu na maneira de organizar a economia e a ideologia dos latino-americanos que passaram a ser voltados para o consumo de produtos dos EUA, principalmente, após o fim da Segunda Guerra Mundial. Após essas considerações sobre as mudanças que ocorreram na América Latina devido a influência econômica, política e ideológica dos norte-americanos, cabe apresentar os teóricos que pensam a importância do consumo ao estabelecermos as nossas relações de socialização, como ocorre no espaço escolar.

Em uma sociedade em que o sistema capitalista<sup>3</sup> rege as atividades e relações humanas, o consumo apresenta-se como um objeto de estudo fundamental, principalmente, para empresas e organizações que necessitam entender seu público consumidor, e as razões que o leva à compra/adesão de seus produtos/serviços. Nesse sentido, torna-se essencial estudar o comportamento do consumidor, a partir de teóricos como Schiffman (2009), que afirma a necessidade de focalizar como os indivíduos tomam decisões para utilizarem seus recursos disponíveis (tempo, dinheiro, esforço), em itens relativos ao consumo.

Além disso, é válido ressaltar a existência de fatores situacionais no contexto que envolve o comportamento dos consumidores, tais como apontam Samara e Morsch (2005), que consideram o ambiente físico, o ambiente social, o tempo, a razão de compra e os estados antecedentes como principais influenciadores do ato de compra. Através desses teóricos, que avaliam o comportamento do consumidos através de parâmetros psicológicos e comerciais, não é apenas a necessidade do produto que leva ao consumo, mas também a interferência do meio em que reside o sujeito interessado na compra. Quando tratamos de consumo não

---

<sup>3</sup> Sistema capitalista compreende um sistema econômico em que os meios de produção são de propriedade privada e com fins lucrativos.

podemos deixar de mencionar a obra intitulada- Consumidores e Cidadãos de Néstor García Canclini (1996), nele o autor trata sobre as relações entre a cidadania e o consumo, isso ao tratar como a globalização modificou o consumo, onde consumir assumiu uma das formas de exercer a cidadania e estabelecer a identidade dos sujeitos. Ele demonstra que numa sociedade globalizada, no espaço da América Latina, as noções de cidadania e consumo se aproximam.

De acordo com Canclini (1996, p.66), “o valor mercantil não é alguma coisa contida naturalisticamente nos objetos, mas é resultante das interações socioculturais em que os homens os usam”. Dessa forma, é possível compreender que o consumo não é considerado a mera posse individual de objetos isolados, uma vez que é a apropriação coletiva destes, por meio da qual os indivíduos interagem entre si e estabelecem sua posição perante o contexto sociocultural em que convivem.

Partindo do pressuposto de que os bens estabelecem e mantêm as relações sociais, é interessante perceber a visão de Jean Baudrillard (apud LYRA, 2001), que acredita na existência de uma “sociedade do consumo”. Segundo ele, viveríamos em um contexto em que o consumo invade a vida das pessoas, suas relações envolvem toda a sociedade e as satisfações pessoais são completamente traçadas através dele. Nessa perspectiva, pode-se concluir que o consumo é um dos aspectos constituintes da cultura contemporânea. Diante disso, é importante analisar o consumo das novas mídias pelos adolescentes, com o intuito de entender o que o leva a modificar os seus espaços de sociabilidade, que deixa de ser o mundo real e passa a ser o espaço virtual, onde a necessidade de informação é constante e inalcançável, o que esse consumo modifica as relações sociais desses adolescentes? A partir dessas considerações sobre o consumo é relevante apresentarmos uma discussão sobre o conceito de cultura, de acordo com as concepções dos Estudos Culturais.

## **2 As contribuições teórico-metodológicas dos Estudos Culturais para a análise do consumo entre os adolescentes do ensino médio**

Ao tratarmos dos Estudos Culturais (EC) temos de considerar que a cultura encontra-se no centro da discussão. Assim, a partir do entendimento de que a cultura está no centro dos debates dos Estudos Culturais, cabe apresentarmos a definição de cultura:

*Cultura* transmuta-se de um conceito impregnado de distinção, hierarquia e elitismos segregacionistas para um outro eixo de significados em que se abre um amplo leque de sentidos cambiantes e versáteis. Cultura deixa, gradativamente, de ser domínio exclusivo da erudição, da tradição literária e artística, de padrões estéticos elitizados e passa a contemplar, também, o gosto das multidões. (COSTA, SILVEIRA e SOMMER, 2003, p. 36):

Dessa maneira, observa-se as mudanças ocorridas no polissêmico conceito de cultura<sup>4</sup>. Devido a essa polissemia do termo é pertinente apresentar minha compreensão desse conceito, antes de continuarmos a análise sobre os Estudos Culturais. Em relação à cultura concordamos com os autores dos Estudos Culturais, pois compreendemos a cultura como todas as formas de expressão humana. Dessa maneira, o entendimento do conceito de cultura é pertinente, pois nosso objeto de estudo abrange diferentes elementos da cultura como, as novas mídias de comunicação, o consumo entre os jovens dos meios de comunicação, a socialização dos adolescentes na escola, entre outros elementos que serão apresentados no decorrer do trabalho. Além disso, consideramos que essa discussão sobre os mais diferentes entendimentos do conceito de cultura é fundamental, pois os próprios teóricos dos EC consideram que a cultura está no centro das atenções de seus estudos. Após, apresenta-se as diferentes concepções sobre o conceito de cultura, que demonstra a dinamicidade e a polissemia desse conceito, cabe apresentarmos as discussões sobre os EC.

Primeiramente, será analisado Raymond Williams (1979), que se encontra inserido nos EC. Ele demonstra que, diferentemente do que se pensa sobre os estudiosos marxistas, eles também são capazes de compreender a importância de estudar a cultura. Além disso, pontua que o próprio Marx reconheceu a necessidade de estudar os aspectos culturais da sociedade. Apesar de compactuar com as ideias defendidas pelo marxismo, Williams (1996, p. 291) demonstra que “parece haver, entre os marxistas, de modo geral, um uso inadequado do termo cultura”. A partir disso, afirma que, muitas vezes, os marxistas compreendem a cultura como produtos intelectuais e de imaginação de uma sociedade<sup>5</sup>.

Ainda em Williams (1992), encontramos outras definições para o termo cultura. Dentre as suas contribuições podemos citar o alargamento desse campo de conhecimento, através do entendimento do termo cultura como “práticas significativas” e, com isso, inserem-se outras práticas que não eram definidas como culturais, ultrapassando uma visão tradicional em que a cultura restringia-se às artes e à literatura. Além disso, Williams (1992) propõe que as práticas

---

<sup>4</sup> Segundo Johnson (2000), no que se refere ao termo “cultura”, ele tem valor como um lembrete e não como uma categoria precisa. Além disso, afirma que não existe uma solução para a polissemia do termo, ao mesmo tempo em que apresenta, segundo ele, seus termos-chave, consciência e subjetividade.

<sup>5</sup> Segundo o autor, existem na definição de cultura três categorias gerais. 1) Uma categoria “ideal”, nela a cultura é um estado ou processo de perfeição humana, em termos de certos valores absolutos ou universais; 2) a segunda, compreende uma categoria “documental”, em que a cultura é a massa de obras intelectuais e imaginativas que registram de diversas maneiras o pensamento e a experiência humana; 3) a terceira categoria compreende a definição “social” da cultura, em que se tem a descrição de um modo determinado de vida, que expressa certos significados e valores não só na arte e no aprendizado, mas também em instituições e no comportamento. Assim, resumidamente, os três tipos principais de definição da cultura são, segundo Williams, a “ideal”, a “documental” e a “social”. (Williams, 1996 p. 292).

culturais são ideológicas, e a partir disso, afirma que “dizer que toda prática cultural é necessidade ideológica não quer dizer nada mais (como em alguns outros usos correntes) senão que toda prática é significativa” (Williams, 1992, p. 28).

Entretanto, quando tratamos das definições do conceito de cultura cabe mencionarmos o verbete elaborado por Williams (2007) sobre o termo. Nele, o autor trata da evolução do termo/ressemantização do termo, isso ao apresentar uma discussão etimológica no espaço territorial europeu, ao tratar dos usos do termo na Alemanha e França. Segundo Williams (2007), a palavra cultura, na França, segundo o autor, passa a ser utilizada como um substantivo independente em meados do século XVIII, muito depois dos usos ocasionais que podem ser identificados na língua inglesa (Grã-Bretanha). Com isso, ele afirma que os sentidos mais difundidos de cultura são: música, literatura, pintura, escultura, teatro e cinema, mas aponta que algumas vezes temos o acréscimo da filosofia, do saber acadêmico, da história.

Dessa maneira, são necessárias mudanças nas condições históricas para que se formassem os EC, além disso, Escosteguy (2010) aponta que os EC devem ser entendidos tanto por seu caráter político, quanto por seu caráter teórico. Primeiro, do ponto de vista político, pois se trata de uma tentativa de constituição de um projeto político, e depois, do ponto de vista teórico, porque existe na formação dos EC a intenção de construir um novo campo de estudos. Nesse sentido, segundo Escosteguy (2010), os EC são formados na tensão entre demandas teóricas e políticas. Como podemos observar na citação a seguir.

Na realidade, os estudos culturais britânicos se constituem na *tensão* entre demandas teóricas e políticas. Embora sustentem um marco teórico específico (não obstante, heterogêneo), amparado principalmente no marxismo, a história deste campo de estudos está entrelaçada com a trajetória da New Left, de alguns movimentos sociais (Worker’s Educational Association, Campaign for Nuclear Disarmament, etc.) e de publicações – entre elas, a *New Left Review*– que surgiram em torno de respostas políticas à esquerda. Ressalta-se seu forte laço com o movimento de educação de adultos. (Escosteguy, 2010, p. 35)

Ainda, Escosteguy (2010) aponta que os EC não são conformados como uma disciplina, mas uma área em que diferentes disciplinas interagem, sendo que, no momento da formação deles, esse campo de estudos recebeu influência da literatura inglesa, sociologia e história o que proporcionou uma conexão entre três níveis distintos. A autora afirma que uma das características dos Estudos Culturais é a multiplicidade de objetos de investigação, que, provavelmente, justifique-se pelo seu caráter político e teórico e pela influência de diferentes disciplinas em sua formação. Nesse sentido, também contribui as proposições presentes no

texto de Johnson (2000, p. 19), pois segundo ele, “os Estudos Culturais podem ser definidos como uma tradição intelectual e política; ou em suas relações com as disciplinas acadêmicas; ou em termos de paradigmas teóricos; ou ainda, por seus objetos característicos de estudos”.

Escosteguy (2010), afirma que existem desacordos entre os fundadores dos Estudos Culturais, Williams, Thompson e Hoggart, porém ao tratar da constituição dos EC é mais significativo destacar os pontos de vista compartilhados entre eles. “Para ambos, Williams e Thompson, cultura era uma rede vivida de práticas e relações que constituíam a vida cotidiana, dentro da qual o papel do indivíduo estava em primeiro plano” pontua que Stuart Hall, apesar de não ser citado como membro do trio fundador dos EC britânicos, foi de grande importância na formação desse campo de estudo, sendo sua participação e relevância unanimemente reconhecida.

Os autores Costa, Silveira e Sommer (2003), não atribuem, exclusivamente, a Williams, Thompson e Hoggart a relevância primordial na fundação dos EC. Assim, os autores ao se referirem aos importantes pensadores dessa teoria mencionam as contribuições dos teóricos sociais dos meados do século XX, como Louis Althusser e Antonio Gramsci, embora não deixe de ser tratada a relevância das análises culturais dos pais fundadores dos EC e de Stuart Hall, que estavam ligados às movimentações iniciais da Nova Esquerda Britânica. Assim, coube a eles ajudarem a forjar a primeira linhagem de análises culturais contemporâneas identificadas como “Cultural Studies”.

Assim, retomando a centralidade do conceito de cultura para os EC, é pertinente apresentarmos algumas considerações de Escosteguy (2009), principalmente, quando a autora aponta que da política à economia, todos estão envolvidos com questões culturais. Por isso, não podemos relegar à cultura papel secundário.

Da política à economia, incluindo o espaço dos negócios e dos empreendimentos comerciais, todos estão envolvidos com questões culturais. Na esfera da política, a análise de Hall tratava de associar o projeto de Thatcher a um programa de reformas que dizia respeito a atitudes e valores do cidadão, mas também a “mudanças culturais” nas instituições. Já, no mundo empresarial, fala-se insistentemente em “mudança de cultura” como parte de programas administrativos para alcançar mais eficiência e competitividade. Levando em conta tais situações, não seria possível atribuir à cultura um papel secundário (Escosteguy, 2009, p. 8).

Assim, chegamos aos EC na América Latina, que segundo Costa, Silveira e Sommer (2003), têm como os nomes mais recorrentes Nestor García Canclini (1996), Jesús Martín-Barbero (1987), mas, segundo os autores, isso não implica que esses intelectuais se reconheçam como aliados ou filiados aos EC de maneira incontestada. Ao se referirem aos EC



na América Latina, os autores afirmam que “Cabe registrar, ainda, [...] a freqüente utilização das expressões ‘Teoria cultural’ e ‘análises culturais’, numa superposição que torna difícil falar de fronteiras e limites rígidos em relação ao que se vem entendendo por EC” (Costa; Silveira; Sommer, 2003, p. 45).

Além disso, os autores apontam que o conceito de hibridação é uma das temáticas que compõem os EC na América Latina. Nesse sentido, o conceito de hibridação composto por Canclini (1990) para a análise das culturas latino-americanas, as identidades e suas multiplicidades, as redes de dependências, as relações entre tradição e modernidade, as transformações das culturas populares, os consumos culturais são alguns dos núcleos temáticos que deram e dão fôlego ao pensamento latino-americano nomeado como EC ou próximo a esse campo do conhecimento.

Os EC na América Latina têm as suas peculiaridades, entretanto em cada lugar que esse campo do conhecimento foi desenvolvido, o idioma teve maior ou menor importância, como destacam os autores.

Em contrapartida, há que se sublinhar que, a diferença dos EC britânicos, estadunidenses e australianos, em que a circulação de textos dos diversos autores não sofreu qualquer constrangimento advindo da língua utilizada na escrita, no panorama latino-americano a questão dos idiomas que os intelectuais dominem ou não, não é uma questão menor no panorama da legitimação e disseminação do que seriam os “genuínos” Estudos Culturais (Costa; Silveira; Sommer, 2003, p. 46).

No contexto brasileiro, cabe apresentarmos Renato Ortiz (1998), que dentre os teóricos brasileiros que trabalham com os Estudos Culturais, é apresentado pelos autores, como o que se destaca no panorama latino-americano quando estudamos esse campo de conhecimento. Por fim, depois de apresentarmos a trajetória dos EC, desde a sua formação britânica, a importância dos fundadores, a sua pertinência tanto teórica quanto política, a influência de outras disciplinas na formação desse campo teórico e como hoje ele também influencia outras disciplinas, podemos explicar, resumidamente, as transformações porque passam os EC, através da citação a seguir.

Desde o final da década de 1950, tem existido, dentro da vida cultural e intelectual de língua inglesa, um projeto que causou impacto significativo no trabalho acadêmico no campo das Artes, das Humanidades e das Ciências Sociais. Nos anos 50, tal projeto não tinha um nome. Não tinha nem sequer uma única fonte. Surgiu dentro de um contexto histórico e social específico, a partir do trabalho de três indivíduos. Raymond Williams, Richard Hoggart e E. P. Thompson estavam preocupados, de forma diferente, com a questão da cultura na sociedade estratificada em classes da Inglaterra. Os autores estavam tentando, cada um a seu modo, entender o papel e o efeito da cultura em um momento crítico da própria história da Inglaterra: um momento marcado pelo fim da Segunda Guerra Mundial, a herança,

em um ambiente já mudado e em constante mudança, de uma política de classe de limitada resistência, e, finalmente, a importação ou invasão, através dos meios de comunicação de massa, da cultura americana, o que tornou público e ressaltou a todos o dominador caráter de classe da vida cultural inglesa (Escosteguy, 2010, p. 29-30 *apud* Blundell et al., 1993, p. 1).

Assim, passemos às contribuições teórico-metodológicas dos EC para o trabalho que pretendemos desenvolver. Nesse sentido, o trabalho desenvolvido por Raymond Williams (2011) ao elaborar o conceito de “estrutura de sentimento” é de fundamental importância para a análise do corpus documental do trabalho.

Dessa forma, Araújo (2004), apresenta Raymond Williams como escritor galês que viveu de 1921 a 1988, conhecido por ser um crítico marxista, que inicia a sua produção acadêmica na década de 1950. Segundo Araújo (2004), Williams empreende seus primeiros estudos sobre o conceito de cultura na tentativa de compreender como esse termo foi se constituindo e conformando determinados significados. Essas considerações da autora foram identificadas no livro “Cultura e Sociedade”, editado em 1958, em que Williams identificou que o termo ganha autonomia no século XX, mas que suas bases são fixadas no século XIX.

Segundo a Araújo (2004), o estudo de Williams sobre a formação do termo cultura, se institui práticas antes não realizadas e possíveis. Primeiro o termo adquiriu uma materialidade e assim, estipulou modificações nas relações entre homens e entre grupos de homens, gerando identidades, conflitos, relações de subordinação, alternativas de trabalho intelectual, ou seja, uma infinidade de interações.

Dessa maneira, as vivências de Williams lhe permitiram, assim como outros autores do século XX, utilizar o termo cultura como “prática social” e “produção cultural”, ambos entendidos como “sistema de significações”, o que ampliou as interpretações do termo, pois cultura passou a incluir toda e qualquer “prática significativa”, contemplando três dimensões antes desagregadas: cultura como “modo de vida global”, como “sistema de significações” e como “atividades artísticas e intelectuais”. Ou seja, com Williams (1979) e outros autores do século XX, cultura passou a designar mais do que arte e literatura.

Segundo Araújo (2004), nos textos de Raymond Williams (1969-1979-1992-2003-2007-2011) encontramos o entendimento de que cultura se produz na realidade. Esse entendimento de cultura está diretamente relacionado às vivências de Williams. Pois, “inspirado em sua própria vida – a qual para muitos intelectuais seria considerada sem cultura – Williams dizia que ter crescido naquela família era ver o amalgamento de mentes, a aprendizagem de habilidades novas, a troca de relações, o aparecimento de diferentes linguagens e idéias” (Araújo, 2004, p. 8).

Em Cevalco (2001), a cultura é descrita como desigual entre as classes. Pois, segundo ele, a cultura estruturada na educação ou nas artes reproduz a desigualdade social. Assim, observamos que as vivências de Williams interferem no seu entendimento sobre o conceito de cultura, pois, como podemos observar na citação anterior, muitos intelectuais lhe considerariam sem cultura, devido à sua origem familiar, origem operária e, portanto, popular. Segundo Cevalco (2001), o que ocorre é a ampliação do materialismo para atender a domínios pouco explorados na teoria fundante de Marx. Dessa maneira, o que autora pretende é demonstrar que Williams não é um marxista que realiza crítica cultural em vez de política e econômica, mas um autor que busca uma resposta teórica às modificações na organização social que possibilitem e exigem novas formulações. Nesse sentido, a autora, a partir da elaboração teórica de Williams, define como deve ser realizado um trabalho marxista de crítica à cultura.

Ao contrário, temos que aprender e ensinar uns aos outros as conexões que existem entre uma formação política e uma econômica, e, talvez o mais difícil, uma formação educacional e uma de sentimentos e de relações que são nossos recursos mais imediatos em qualquer forma de luta. O marxismo contemporâneo, estendendo seu escopo para abarcar esta área mais ampla, reaprendendo o sentido real de totalidade é então, um movimento de que participo com grande satisfação (Cevalco, 2001, p. 137).

Assim, Cevalco (2001), afirma que o que se constata na análise das práticas culturais é que vivemos em um mundo em que se tornou impossível separar as questões ditas culturais das questões políticas e econômicas. Dessa maneira, passemos ao entendimento do conceito de estruturas de sentimento. Primeiramente é preciso ter claro que, na formulação desse conceito, o cultural e o social são indissociáveis, pois, “a vida social se processa, na perspectiva de Williams, segundo um sistema organizado, onde não é possível separar, desmembrar, isolar o produto cultural” (Araújo, 2004, p. 6).

Segundo Cevalco (2001), “na tentativa, de descrever a relação dinâmica entre experiência, consciência e linguagem, como formalizada e formante na arte, nas instituições e tradições, Williams (1979) cunhou um novo termo, estrutura de sentimento”. Esse conceito está refletido nas alterações contidas na produção cultural, de modo a modificar a sua tradição e a própria organização social. De acordo com Araújo (2004), a estrutura de sentimento, enquanto conceito é formulado no intuito de entender que toda mudança ocorrida na produção cultural é sempre social e decorre das respostas às mudanças objetivas.

A partir das considerações de autores que estudam a corrente teórica dos EC, cabe apresentarmos a teoria elaborada por Raymond Williams (1979) sobre a noção de *estrutura de*

*sentimento*, que será aplicada na análise dos questionários após a sua categorização. Com isso, chegamos aos conceitos elaborados por Williams (1979) de *dominante*, *residual* e *emergente*, que estão articulados à noção de estrutura de sentimento do mesmo autor, sendo que eles serão, posteriormente, aplicados na análise da pesquisa empírica. Nesse sentido, esses conceitos, visam identificar como as características *dominantes*<sup>6</sup> em um determinado processo ou sistema cultural presente se articulam a elementos que foram formados no passado, mas ainda estão ativos no processo cultural, isto é, as características *residuais*<sup>7</sup>, tensionadas ainda pelas características *emergentes*<sup>8</sup>.

Esses conceitos serão analisados com mais afinco no próximo item desse trabalho, pois é nesse momento que eles serão empregados, porém é preciso minimamente apresentar aos leitores esses conceitos, por ser um elemento fundamental para a compreensão do trabalho, quando tratarmos do percurso metodológico e da análise do corpus documental, respectivamente.

Chegando ao fim do segundo item deste Trabalho de Conclusão de Curso, reiteramos a importância de referenciar os teóricos dos EC no esforço de aliar as suas perspectivas ao nosso objeto de estudo. Pois, ao pesquisar as mudanças no consumo das novas mídias entre os jovens pretendia-se analisar as mudanças no seu processo de socialização e aprendizagem, e para isso era fundamental discutir o conceito de cultura. Assim, o trabalho se encaminha para o terceiro e último item, em que serão analisados o *corpus* documental e o percurso metodológico empregado na sua análise.

### **3 A análise do consumo midiático entre os adolescentes do ensino médio**

A partir da apresentação do objeto de pesquisa cabe mencionar que para a realização deste trabalho serão empregados o suporte teórico-metodológico dos Estudos Culturais, em especial do conceito de estrutura de sentimento de Raymond Williams (1979), combinados

---

<sup>6</sup> Segundo Ferreira; Coiro (2011, p. 4): “A noção de *dominante* permite reconhecer os elementos hegemônicos em uma dada cultura, a partir das relações que se estabelecem em seu interior, e de como essas relações predominam umas sobre as outras. A análise da cultura contemporânea é a análise daquilo que se configurou historicamente como dominante, juntamente com suas instituições e formações, e seus processos de imposição sobre outras forças desenvolvidas em paralelo (SILVA, 2010)”.

<sup>7</sup> Segundo Ferreira; Coiro (2011, p. 4): “A concepção de *residual* leva em conta que ao longo do processo histórico, novas práticas sociais emergem, valores, costumes, normas evidências são substituídos ou mesclados por novas experiências, mas permanecem resquícios e vestígios de características do passado. Essas nuances são residuais, elementos que ainda operam no presente, porque de alguma forma, ao longo da sua trajetória na história, resistiram à cultura dominante”.

<sup>8</sup> Segundo Ferreira; Coiro (2011, p. 5): “A concepção *emergente* é resultado da tensão dos aspectos dominantes e residuais, que gradativamente perdem força diante de novas práticas sociais que emergem. O que se dá, todavia, é uma fusão entre o novo e o velho, já que há aspectos dominantes e residuais que sobrevivem ao emergente”.

com a análise de conteúdo, de acordo com a proposição de Bardin (2004), por entendermos ser adequada à aplicação da fonte que pretendemos utilizar na pesquisa. Entretanto, no que se refere à metodologia utilizada neste trabalho, cabe afirmarmos que este estudo desenvolveu um processo metodológico próprio. Contudo, o cercamento do objeto parte de uma pesquisa exploratória que realiza o movimento de aproximação com a temática proposta para esta pesquisa. Assim, o trabalho é constituído pelas seguintes etapas:

- a) realização da revisão teórica dos principais conceitos;
- b) definições/aproximações acerca do objeto, no caso o consumo das novas mídias entre os adolescentes do ensino médio;
- c) mapeamento/categorização dos questionários aplicados entre os estudantes do ensino médio;

Mas, para isso, é preciso apresentar algumas informações quanto ao corpus documental que compõe a pesquisa realizada. Ela compreende a aplicação de questionários aos três anos do ensino médio, totalizando 38 questionários válidos, aplicamos os questionários em três diferentes anos do ensino médio, a fim de ter uma amostra mais geral do universo da pesquisa, cabe salientar que o pequeno número de alunos entrevistados se deve a evasão escolar, ou a ausência dos alunos em sala de aula no dia da aplicação dos questionários.

No decorrer deste item será tratado a análise do material coletado através dos questionários aplicados aos adolescentes de ensino médio. Para tanto, esse item foi dividido em duas etapas, a análise contextual e a análise teórica, a fim de contemplar o percurso metodológico criado para a realização desse trabalho. A análise contextual procurou contemplar cada uma das categorias analisadas, no intuito de aproveitar ao máximo o diversificado material coletado. Além disso, a cada uma das categorias analisadas foi empregada as *estruturas de sentimento* presentes nas formulações teóricas de Williams (1979), a fim de verificar como elas estão presentes no consumo das novas mídias entre os jovens do ensino médio. Para este item, recuperamos os pressupostos dos autores que já foram apresentados, a metodologia empregada, bem como procuramos apresentar as nossas compreensões a partir da leitura, da análise e da reflexão no que se refere ao nosso *corpus* de pesquisa, enfim nesse momento do trabalho trataremos especificamente dos resultados obtidos a partir dos questionários.

### **3.1 Análise Contextual**

Primeiramente, a análise contextual procurou contemplar as três categorias estabelecidas, sejam elas: aprendizagem, socialização e novos olhares. Essas categorias foram estabelecidas a partir da aplicação de 40 questionários, sendo que apenas 38 deles foram considerados válidos, em três turmas do ensino médio com idade dentre 14 e 20 anos, que frequentam a Escola Estadual de Ensino Médio Érico Veríssimo entre o 1º e o 3º ano do Ensino Médio em turmas regulares. Nosso universo de pesquisa contou com 38 questionários válidos, sendo que 12 questionários foram aplicados numa turma de 1º ano, os outros 14 questionários foram aplicados numa turma de 2º ano, e os demais 12 questionários foram aplicados numa turma de 3º ano.

O método que empregaremos na análise contextual pretende apresentar ao leitor o diversificado material coletado, que compõe o nosso corpus de pesquisa. Por isso, organizamos o questionário aplicado com o intuito de estabelecer categorias, no caso três categorias que são: Socialização, Aprendizagem e Proposição para o Contexto Escolar. Após estabelecer essas categorias, elas foram quantificadas e esse processo metodológico que será apresentado na análise contextual.

### 3.1.1 Socialização

Essa categoria foi resumida a palavra-chave socialização que foi construída através do cruzamento de algumas perguntas presentes no questionário, tais como: com que frequência utiliza as novas mídias (aplicativos e redes sociais) diariamente, qual o sentimento que ser o último a ficar sabendo de uma notícia desperta em você. Essas perguntas procuravam verificar o nível de dependência dos jovens dessas novas mídias para a sua socialização. Pois, como propõe Barcelos (2010), existem diferentes grupos de influência que são importantes na socialização dos jovens e que estão presentes nessas novas mídias, são eles: a família, os amigos, os meios de comunicação em massa.

Nesse sentido, Barcelos (2010, p. 163) aponta os significados que foram identificados na relação entre o uso das novas mídias pelos adolescentes e sua consequência na socialização deles. Dessa relação Barcelos destaca: a manutenção e a intensificação dos relacionamentos, a ampliação das redes de contato, o relacionamento com o sexo oposto, o distanciamento que pode ocorrer entre os jovens e a dependência que muitas vezes existe da nova mídia, e por último, a preocupação com a privacidade. Nessa categoria pretendemos analisar o acesso dos jovens as novas mídias, a frequência diária desse acesso, e o que acontece quando a informação retarda em chegar até eles.

TABELA 1 - Socialização

Turma	Acesso a novas mídias	Frequência de acesso diário	Sentimento quando não tem acesso a informação
<b>3º ano</b>	Todos utilizam as novas mídias (facebook, twitter, instagram e outros aplicativos no celular)	1 – 5 horas ou mais 2 – de 3 a 4 horas 5 - 2 horas 4 - 1 hora	6 - Indiferente 4 - Ultrapassado 1 - Chateado 1 - Frustrado
<b>2º ano</b>	Todos utilizam as novas mídias	9 – 5 horas ou mais 1 – de 3 a 4 horas 2 - 2 horas 2 - 1 hora	7 - Indiferente 5 - Ultrapassado 1 - Irritado 1 – Frustrado
<b>1º ano</b>	Todos utilizam as novas mídias	8 – 5 horas ou mais 1 – de 3 a 4 horas 1 - 2 horas 2 - 1 hora	4 – Indiferente 3 - Ultrapassado 2 - Irritado 1 - Chateado 2 - Frustrado

Na tabela é possível identificar que todos os alunos declaram ter acesso e utilizar as novas mídias, sejam elas redes sociais e/ou aplicativos de smartphones. Além disso, o que se observa a partir da tabela é a frequência do uso diário dessas novas mídias, que de acordo com a tabela diminui a medida que o aluno se aproxima da conclusão do ensino médio. Por exemplo, no 1º ano oito jovens declaram utilizar dessas novas mídias por 5 horas ou mais do seu dia, mais tempo do que se dedica a escola ou a outros hábitos de socialização. Se continuar analisando a tabela esses números se mantêm no 2º ano, pois dos 14 jovens entrevistados, 9 deles declararam ficar 5 horas ou mais do seu dia nesse espaço. Entretanto, esses dados se invertem quando se observa as respostas do 3º ano, em que apenas 1 jovem declarou ficar mais de 5 horas por dia utilizando essas novas mídias, no geral as respostas variaram entre 1 a 2 horas por dia. A partir dessas análises surgiu o questionamento sobre os fatores que levaram esses jovens a modificar seus hábitos de socialização num espaço de tempo tão curto, a resposta mais simples seria a eminência do vestibular, Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM) ou qualquer outro exame de ingresso ao Ensino Superior, porém essa resposta não deve ser tão simples.

Com a análise dessa primeira tabela pode-se aferir que todos os alunos pesquisados têm acesso e utilizam diariamente as novas mídias, e que a frequência desse acesso diário diminuiu ao longo do ensino médio, somente esses dados já demonstram a mudança no processo de socialização dos jovens que passou a ser, principalmente, virtual. Mas, também é preciso reconhecer como o jovem do ensino médio reage a essas novas mídias, que

sentimento a desinformação numa sociedade globalizada é capaz de gerar. Nesse sentido, no 1º ano do ensino médio a desinformação tem um sentido negativo para os jovens, que quando questionado sobre como se sentiam ao saber de alguma informação depois de algum tempo, eles responderam: ultrapassado, irritado, chateado, frustrado. Mas, ao longo do 2º e 3º ano do ensino médio as respostas se dividiram entre indiferença e negatividade, isso demonstra que os jovens vão atribuindo menos importância as novas mídias a medida que se aproximam da conclusão do ensino médio. Além disso, à medida que os jovens vão se tornando “indiferentes” ao fato de saberem de alguma informação após algum tempo, isso explica a diminuição do acesso diário as novas mídias, que não perderá a relevância para os jovens, mas que não irá definir a sua socialização como é possível aferir numa análise realizada com menos cuidado.

### 3.1.2 Aprendizagem

No que se refere à categoria definida como aprendizagem pretende-se verificar quais são e a finalidade dos aplicativos utilizados pelos jovens do ensino médio, além de procurar entender quais são os meios de comunicação e as fontes de consulta mais confiáveis para eles. Essa categoria não está dissociada da apresentada anteriormente, pois é muito difícil tratarmos do consumo das novas mídias pelos jovens e ignorar o processo de socialização e aprendizagem que ocorrem através desses meios.

TABELA 2 - Aprendizagem

Turma	Aplicativos no celular	Exemplo de aplicativo	Finalidade do aplicativo
<b>3º ano</b>	Todos têm aplicativos no celular	5 - Facebook 3 - Instagram 4 - Whatsapp	1 - Conhecer novas pessoas 2 - Conversar com os amigos 6 - Entretenimento 3 - Tratamento de fotografias
<b>2º ano</b>	13 alunos declararam ter aplicativos no celular	3 - Facebook 8 - Whatsapp 1 - Youtube 1 - Jogos	1 - Conhecer novas pessoas 2 - Conversar com os amigos 6 - Entretenimento 3 - Tratamento de fotografias
<b>1º ano</b>	10 alunos declararam ter aplicativos no celular	1 - Facebook 7 - Whatsapp 1 - Jogos 1 - Youtube	4 - Conhecer novas pessoas 5 - Entretenimento 1 - Jogos

A tabela 2 trata sobre os usos dos aplicativos nos telefones celulares dos jovens do ensino médio. Dentro dessa perspectiva, eles foram questionados sobre o uso dos aplicativos, entre os alunos do 3º ano todos declararam ter aplicativos no celular, no 2º ano apenas um



aluno não tinha aplicativos no celular, enquanto que no 1º ano dois alunos não tinham aplicativos no celular. E dentre os aplicativos os mais citados forma: o Facebook e o Whatsapp, duas redes sociais que visam o entretenimento, a conversa com os amigos e conhecer novas pessoas. Sendo que, essas características das redes sociais foram as mais citadas pelos jovens.

Nesse sentido, no que se refere à aprendizagem e a socialização não é possível deixar de mencionar que as redes sociais modificaram a socialização dos jovens que entrou no universo virtual, pois como propõe Manuel Castells em seu livro “A Sociedade em Rede” (1996) a sociedade passa por uma nova era da informação que modificou a dinâmica econômica e social do mundo contemporâneo. Se até mesmo questões estruturais são modificadas, elementos sócio-culturais como a aprendizagem também sofrem influência.

Assim, temos como propõe Ferreira (2013) nos jovens que hoje estão no ensino médio a Geração Z, que segundo a definição sociológica pode ser definida como a geração de pessoas nascidas no final da década de 1990 até o presente. As pessoas dessa geração são conhecidas por serem nativas digitais, sendo que uma das características desse grupo é zapear, tendo várias opções, entre canais de televisão, internet, videogame, e telefones celulares. Com isso, essa geração tem uma grande diferença social e comportamental, eles são mais ansiosos e menos pacientes, possuem um gama de informações, mas não são capazes de depurá-la, e essas mudanças dos jovens são sentidas em sala de aula e se traduz na aprendizagem dos alunos.

TABELA 3 – Aprendizagem através dos meios de comunicação

Turma	Meios de comunicação que considera mais importantes	Fontes de consulta mais confiáveis
<b>3º ano</b>	3 - Internet 8 - televisão e internet 1 - Jornal e internet	11 – sites de busca (ex.: Google) 1 - livros
<b>2º ano</b>	12 - Internet 2 - televisão e internet	13 – sites de busca (ex.: Google) 1 – livros
<b>1º ano</b>	10 - Internet 2 -televisão e internet	11 – sites de busca (ex.: Google) 1 – livros

A tabela acima se remete a confiabilidade dos jovens nos meios de comunicação, por isso nomeamos essa tabela como a aprendizagem nos meios de comunicação. Primeiramente, cabe analisar os meios de comunicação que os jovens do ensino médio consideram os mais importantes, e como não podia deixar de ser a internet ao lado da televisão figura entre os mais citados. No questionário, a pergunta seguinte que eles teriam de responder se refere às

fontes de consulta consideradas as mais confiáveis, e os sites de busca como o Google aparece como o mais lembrado, sendo que os livros são mencionados por apenas um aluno de cada turma.

No começo deste trabalho mencionei um conto, “Dois mais dois” de autoria de Luis Fernando Veríssimo (2001) dedicado ao público infanto-juvenil, nele o autor questiona a centralidade da tecnologia na nossa sociedade contemporânea, e olhando para as informações presentes na tabela é possível verificar a importância que a internet adquiriu. Ainda, não temos um super-computador, mas já temos pequenas máquinas e sites de busca que encurtaram esse caminho, pois se o livro levou muitos anos para ser confiável para as pessoas, em poucos anos a internet e os sites de busca adquiriram esse status.

### 3.1.3 Proposições para o Contexto Escolar no Ensino Médio

Esta categoria aponta os acertos e até mesmo alguns questionamentos sobre os caminhos que são possíveis de trilhar numa “sociedade em rede”. Antes de tratarmos especificamente das tabelas dessa categoria, é pertinente retomarmos a tabela 2 da categoria aprendizagem, nela temos os aplicativos a sua finalidade. Com isso, surgiu o seguinte questionamento: o que os jovens buscam nos aplicativos e nas redes sociais que podem ser incorporados no contexto escolar do ensino médio? Para responder a essa pergunta é preciso analisar a tabela abaixo:

TABELA 4 – Proposições para o contexto escolar: o uso do telefone

Turma	Usa o telefone em sala de aula?	Frequência do uso?
<b>3º ano</b>	2 - Não	1 - Raramente
	10 - Sim	8 - Às vezes
		1 - Muitas vezes
<b>2º ano</b>	1 - Não	1 - Raramente
	13 - Sim	9 - Às vezes
		2 - Muitas vezes
		3 - Sempre
<b>1º ano</b>	3 - Não	2 - Raramente
	9 - Sim	3 - Às vezes
		2 - Muitas vezes
		2 - Sempre

A tabela demonstra quantitativamente, que a grande maioria dos alunos dos três anos do ensino médio afirmam que utilizam o telefone em sala de aula, o que se diferencia de um ano para o outro compreende a frequência do uso do aparelho celular. No 1º ano, a definição “sempre” e “muitas vezes” apareceu mais ocasiões do que a definição “às vezes”. Já no 2º ano

a definição “às vezes” foi mais frequente, e essa mesma situação se repete no 3º ano. Com isso, retomamos a pergunta: como incorporar as redes sociais e aplicativos no contexto escolar do ensino médio? Os aplicativos e redes sociais são associados a entretenimento, a conversa com os amigos e a conhecer novas pessoas, enfim a elementos que são positivos para os alunos, e as redes sociais, convertidas em aplicativos de celular, são fáceis de utilizar no cotidiano de sala de aula.

### **3.2 Análise Teórica**

Na análise contextual nos detivemos na análise dos dados coletados em nossa pesquisa documental apresentando as descobertas e também suscitando novas perguntas. Desse modo, a análise teórica reincorpora a análise dos dados e as descobertas realizadas a partir do olhar dos autores já apresentados, e que nesse momento tomamos de empréstimo. Na análise contextual, pretendia-se através de uma análise quantitativa e qualitativa verificar o consumo das novas mídias pelo jovem, em que já se pressupunha que eles utilizavam desse espaço para a socialização e aprendizagem, porém no decorrer do trabalho percebemos que existem caminhos, e até mesmo alguns acertos e propostas para o contexto escolar do ensino médio.

Nesse sentido, a metodologia que se pretende utilizar na investigação compreende a análise de conteúdo, “técnica de pesquisa que trabalha com a palavra, permitindo de forma prática e objetiva produzir inferências do conteúdo da comunicação de um texto replicáveis ao seu contexto social” (Caregnato; Mutti, 2006, p. 682). Esse suporte metodológico foi aplicado a partir da categorização dos questionários que produziram três definições: a socialização, a aprendizagem e as proposições para o contexto escolar no ensino médio.

De acordo com Teixeira (2013), as estruturas de sentimento compreendem um sentimento social, vivido e sentido numa determinada época que colabora na compreensão do presente. Assim, Williams (1979), ao propor as estruturas de sentimento permite que as próximas gerações compreendam que um sentimento sociocultural não é fixado em um saudosismo, mas a um sentimento que vive em constante transformação. Por isso, as estruturas de sentimento podem ser identificadas no campo social, cultural, político, religioso, econômico.

Nessa perspectiva, as estruturas de sentimento são construídas a partir da interação imaginativa e das práticas culturais e sociais de produção e resposta, sendo que elas fazem parte das práticas sociais de comunicação que estão na raiz da estabilidade e das mudanças na sociedade humana. Dessa maneira, não podemos deixar de citar que as estruturas de sentimento também podem ser percebidas nas mudanças, principalmente, socioculturais

empreendidas a partir das redes sociais, que modificaram o processo de socialização e aprendizagem dos jovens e a relação desse grupo no espaço escolar.

Entretanto, para o trabalho que nos propomos a realizar mais do que compreender as estruturas de sentimento é fundamental que tenhamos domínio dos conceitos de *dominante*, *residual* e *emergente*, uma vez que esses conceitos serão aplicados na análise do *corpus* documental. Nesse sentido, esses conceitos, segundo Teixeira (2013), permitem o entendimento de que a prática humana não se esgota na cultura.

Segundo Teixeira (2013) nas culturas *dominantes*, encontramos a distinção entre formas *residuais*, que compreendem experiências, significados e valores que não podem ser verificados e que, por isso, são entendidos como resíduos de formações sociais anteriores, e formas *emergentes*, que podem ser definidas como novos valores e experiências que estão sendo criados. Dessa maneira, a partir da análise contextual dos questionários e do suporte teórico-metodológico identificamos como *dominante*, o grande consumo por esses jovens das novas mídias. Ao entendermos *dominante*, como a possibilidade de reconhecer os elementos hegemônicos de uma cultura e de como essas relações predominam uma sobre as outras, é relevante retomar algumas perguntas presentes no questionário. Primeiramente, quando questionados sobre o uso diário das novas mídias, os jovens do 1º e 2º ano, em sua maioria, responderam 5 horas ou mais. Ainda, quando questionados sobre o uso do celular em sala de aula, a grande maioria dos alunos dos três anos do ensino médio, responderam que utilizam o celular na escola. A partir desses dados é possível observar que esses jovens buscam através do entretenimento promovido por essas novas mídias experimentar outras socializações e diferentes aprendizagens.

No que se refere à concepção de *residual*, entende-se que ao longo do processo surgem novas práticas sociais, mas que isso não impede que permaneçam resquícios e vestígios de características do passado, que resistiram à cultura dominante. Nesse sentido, o que se encontrou de *residual* nos questionários aplicados pode ser identificado em dois momentos. Primeiro, no momento em que televisão e internet são definidas como os meios de comunicação mais importantes, e quando os jovens são questionados sobre a fonte de consulta mais confiável, e em sua grande maioria eles respondem os sites de busca, mas uma representação de cada turma respondeu os livros. Nessa definição, temos a demonstração de que mesmo com as mudanças nos meios de comunicação, isso não significou o fim de outras tecnologias, mas o que temos é a coexistência do passado, ou *residual*, numa cultura dominante.

Por fim, temos o conceito *emergente* que se entende como a tensão entre os aspectos dominantes e residuais, ou seja, *emergentes* são as novas práticas e sentidos que podem vir a fazer, inclusive, oposição aos demais aspectos. Assim, o que observamos de emergente nos questionários corresponde a pergunta sobre a relevância que o jovem atribui ao demorar para saber de uma informação, pois como propõe Castells (1996) numa sociedade em rede o acesso as informações são primordiais. Entretanto, no 2º e 3º ano do ensino médio os alunos, em sua maioria, não atribuíram um caráter negativo a desinformação, e se declararam indiferente a essa situação, isso demonstra que os jovens que já nasceram na Era da Informação já se estão questionando a obrigação de estar constantemente informados.

### **Considerações Finais**

O presente trabalho foi dividido em três partes, na primeira foi apresentado o conceito de consumo e de como essas relações foram se modificando na América Latina e no Brasil. No segundo item, apresentamos as contribuições teórico-metodológicas dos Estudos Culturais. No terceiro e último item, foram analisado os questionários a luz dos teóricos dos Estudos Culturais, sendo fundamental as concepções de *estruturas de sentimento*, presente em Raymond Williams (1979). Assim, ao discutir conceitos como consumo, cultura e identidade permeados pelo cenário das novas mídias e dos jovens no ensino médio pretendia-se demonstrar como elas colaboram para a formação cultural e para a identidade deles. Além, de apontar os papéis que as novas mídias assumem no que se refere às mudanças na socialização e na aprendizagem dos jovens.

A intenção deste trabalho não é apresentar soluções para as dificuldades de ensinar o jovem do ensino médio, mas sim quantificar e analisar através de uma amostra local as possíveis intervenções com esse grupo, uma vez que os jovens estão vivendo num novo cenário, uma Era da Informação (Castells, 1999), em que ocorreram significativas mudanças sócio-culturais<sup>9</sup>.

### **Referências Bibliográficas**

ARAÚJO, S. M. S. *Cultura e educação: uma reflexão com base em Raymond Williams*. Apresentado na 27ª Reunião Anual da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em

---

<sup>9</sup> Uma sugestão para o aprofundamento deste trabalho no futuro, exigiria uma revisão bibliográfica sobre as novas mídias e adaptações na metodologia com a inserção de entrevista e grupo focal, pois dessa maneira é possível analisar o discurso dos jovens do ensino médio.

Educação (ANPEd), GT: Movimentos Sociais e Educação, nov. 2004. Disponível em <http://www.anped.org.br/reunioes/27/gt03/t0315.pdf>. Acesso em 20 de maio de 2013.

BARDIN, L. *Análise de conteúdo*. Lisboa: Edição 70, 2004.

BARCELOS, R.H. *Nova mídia, socialização e adolescência: um estudo exploratório sobre o consumo das novas tecnologias de comunicação pelos jovens*. 232 f. Dissertação (Mestrado em Administração), Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2010.

BAUMAN, Z. *Vida para o consumo: a transformação das pessoas em mercadoria*. Rio de Janeiro: Zahar, 2008.

BURKE, P. Problemas da história cultural. In: *O que é História Cultural?* Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2005, p. 32-45.

CANCLINI, N. G. *Consumidores e Cidadãos: conflitos multiculturais da globalização*. Rio de Janeiro: UFRJ, 1996.

CASTELLS, M. *A Era da Informação: economia, sociedade e cultura*, vol. 3. São Paulo: Paz e Terra, 1999, p. 411-439

CASTELLS, M. *Por uma sociedade em rede*. São Paulo: Paz e terra, 1996

CAREGNATO, C.; MUTTI, R. Pesquisa qualitativa: análise de discurso versus análise de conteúdo. *Texto Contexto Enfermagem*, Florianópolis, 2006, out-dez; 15 (4), p. 679-84.

CEVASCO, M. E. **Para ler Raymond Williams**. São Paulo: Paz e Terra, 2001.

COSTA, M. V.; SILVEIRA, R. H.; SOMMER, L. H. Estudos culturais, educação e pedagogia. *Revista Brasileira de Educação*. Maio/Jun/Jul/Ago, nº23, 2003. Disponível em <http://www.scielo.br/pdf/rbedu/n23/n23a03.pdf>. Acesso em 19 de março de 2013.

COTRIM, Gilberto. *História Global: Brasil e Geral – Volume Único*. 8. ed. São Paulo: Savaira. 2005.

ESCOSTEGUY A. C. D. Circuitos de cultura/circuitos de comunicação: um protocolo analítico de integração da produção e da recepção. *Comunicação, mídia e consumo*. São Paulo, v. 4, n. 11, p. 115-135, nov. 2007.

\_\_\_\_\_. Estudos Culturais: uma perspectiva histórica. In: *Cartografias dos estudos culturais – Uma versão latinoamericana*. Ed. on-line – Belo Horizonte: Autêntica, 2010.

\_\_\_\_\_. Quando a recepção já não alcança: os sentidos circulam entre a produção e a recepção. *E-compós*, Brasília, v. 12, n. 1, jan./abr. 2009.

FERREIRA, V. S. *Geração.com*. Olímpia: Geração Internet, 2013.

HALL, S. *Da Diáspora: identidades e mediações culturais*. Belo Horizonte/Brasília: Editora da UFMG/UNESCO, 2003.

\_\_\_\_\_. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Rio de Janeiro: DP&A, 2002.

\_\_\_\_\_. Quem precisa de identidade? In: SILVA, Tomaz Tadeu (org.). *Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais*. Petrópolis: Vozes, 2000. p. 103-133.

JOHNSON, R. O que é, afinal, Estudos Culturais? In: SILVA, Tomaz Tadeu da (org.). *O que é, afinal, Estudos Culturais?* Belo Horizonte: Autêntica, 2000. p. 9-38.

LYRA, R. M. S. *Consumo, comunicação e cidadania*. Ciberlegenda, número 6, 2001.

McLUHAN, M. *Os meios de comunicação como extensões do homem*. São Paulo: Cultrix. 12ª. edição, 2002.

PIEDRAS, E. R.; JACKS, N. A contribuição dos estudos culturais para a abordagem da publicidade: processos de comunicação persuasiva e as noções de “articulação” e “fluxo”. *ECompós*, Brasília, v.6, p. 1-16, 2006.

SCHIFFMAN, L.; KANUK, L. *Comportamento do consumidor*. Rio de Janeiro: LTC, 1997.

TEIXEIRA, E. R. S. Estrutura de Sentimento de Raymond Williams: uma abordagem devocional do festejo do glorioso São José de Ribamar. *Revista Diálogos*. São Paulo, v. 1, n. 10, p. 95-118, nov. 2013.

VERÍSSIMO, L. F. *O Santinho*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.

WILLIAMS, R. *Cultura*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

\_\_\_\_\_. *La larga revolución*. Buenos Aires: Nueva Visión, 2003.

\_\_\_\_\_. *Cultura e materialismo*. São Paulo: Editora Unesp, 2011.

\_\_\_\_\_. *Cultura e sociedade*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1969.

\_\_\_\_\_. *Marxismo e literatura*. Rio de Janeiro: Zahar, 1979.

\_\_\_\_\_. *Palavras-chave: um vocabulário de cultura e sociedade*. São Paulo: Boitempo, 2007 [1983]. P. 117-124.